

Trajетórias triunfais idealizadas: Hermann Blumenau e o mito fundador da Colônia Blumenau no sul do Brasil

Idealized triumphal trajectories: Hermann Blumenau and the founding myth of the Blumenau Colony in southern Brazil

Cristina Ferreira¹

cliocris@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6878-3473>

Resumo: Ao discutir a idealização da Colônia Blumenau na historiografia sobre a imigração no Brasil, questiono a legitimação de uma memória histórica de cunho oficial, sustentada por grandes personagens, com o intuito de desconstruir mitos heroicos na história da imigração no Vale do Itajaí. O artigo analisa as relações entre imigração e escravidão, conectando as concepções de Hermann Blumenau como viajante e agente de colonização germânica. A metodologia de pesquisa dialoga com elementos da micro-história, com a análise das peculiaridades locais para ressaltar as diferenças entre o particular (Vale do Itajaí) e o geral (Brasil) nos estudos sobre as trajetórias e a imigração no Brasil, mediante a recusa aos parâmetros e descrições encarceradas na coerência de ideias e percepções. O destaque recai sobre o estudo das divergências e conflitos do cotidiano da imigração, para evitar o mero reducionismo aos simples esquemas de oposição e ressaltar a inter-relação entre Hermann Blumenau e as determinações sociais múltiplas de composição do real em sua atuação.

Palavras-chave: Sul do Brasil; imigração; mito fundador; Colônia Blumenau; Hermann Blumenau.

Abstract: By discussing the idealization of the Blumenau Colony in the historiography of immigration in Brazil, I question the legitimacy of an official historical memory, supported by great characters, with the aim of deconstructing heroic myths in the history of immigration in the Itajaí Valley. The article analyzes the relationship between immigration and slavery, connecting the conceptions of Hermann Blumenau as a traveler and an agent of German colonization. The research methodology dialogues with elements of micro-history, with the analysis of local peculiarities to highlight the differences between the particular (Itajaí Valley) and the general (Brazil) in studies on trajectories and immigration in Brazil, through a refusal of parameters and descriptions imprisoned in the coherence of ideas and perceptions. The emphasis is on the study of divergences and conflicts in everyday immigration, in order to avoid mere reductionism to simple opposition schemes and highlight the interrelationship between Hermann Blumenau and the multiple social determinations of the composition of reality in his work.

Keywords: Southern Brazil; immigration; founding myth; Colony Blumenau; Hermann Blumenau.

¹ Universidade Regional de Blumenau - FURB. Centro de Ciências Humanas e da Comunicação. Departamento de História e Geografia. Centro de Memória Oral e Pesquisa - CEMOPE. Rua Antônio da Veiga, 140, Sala R-127, 89030-903, Blumenau-SC, Brasil.

Introdução à discussão sobre a problemática da Nova Alemanha nos Trópicos

A história da imigração europeia para o Brasil envolveu grandes deslocamentos populacionais entre os continentes no século XIX, contribuindo para a geração de uma infinidade de trocas culturais entre distintos grupos étnicos. Particularmente representativo foi o contingente de estrangeiros estabelecidos na região do Vale do Itajaí, formulando as peculiaridades de um processo de colonização pautado na pequena propriedade agrícola e no estabelecimento de colônias étnicas específicas, com predominância de grupos familiares advindos das regiões da Pomerânia, Prússia e Hamburgo. O artigo que ora se apresenta questiona o processo de transição de europeus para o Brasil, em particular a vinda de imigrantes germânicos para o interior de Santa Catarina. O estudo da trajetória de Hermann Blumenau serve de suporte para a descrição do Brasil aos olhos estrangeiros e possibilita o estabelecimento de interconexões com as inúmeras propostas ligadas à imigração intercontinental e à literatura de viagem no período. Portanto, não se restringe apenas às particularidades de Santa Catarina e demarca as diferenças entre as narrativas sobre os temas abordados em relatos semelhantes, levando em conta que a função do historiador é criar o equilíbrio na análise dos fragmentos documentais e ressaltar a “diferença e não a igualdade dos fenômenos”, identificando relevâncias e não regras absolutas ou normas intransponíveis, com vistas à complexidade e não à simplificação dos fenômenos históricos (Levi, 2015, p. 248).

Hermann Blumenau integrava o rol de estrangeiros que fizeram excursões de estudos pelo Brasil, motivado pelo contato com o cônsul-geral do Brasil na Prússia, Johann Jacob Sturz, que nutria um projeto denominado *Nova Alemanha nos Trópicos* (Zimmermann, 2001), levado adiante com a intenção de combater o tráfico de escravos e integrar o Brasil aos princípios de civilidade do oitocentos, a partir da colonização alemã no formato de pequena propriedade agrícola. Viajou ao Brasil em 1846, com 27 anos, permanecendo no Rio de Janeiro por um breve período e dirigindo-se ao destino principal: a Colônia São Leopoldo (RS) e o Vale do Itajaí, nas regiões de Belchior e Pocinho (SC) (Cardoso, 1991; Kiefer, 1999). Seu contato com o Brasil na condição de viajante e observador dos

núcleos de colonização resultou no livro *Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã: fragmentos de notícias, observações e sugestões especialmente para emigrantes*². Posteriormente, após a implantação do núcleo de povoamento, publicou o livro *A colônia alemã Blumenau: na província de Santa Catarina no sul do Brasil*³. Sua narrativa contemplava práticas discursivas de um viajante, obtidas a partir de suas vivências temporárias com os habitantes do local, assinalando aspectos cotidianos, sociais e naturais, com o objetivo de implementar uma colônia alemã na região Sul do Brasil.

Ao estudar detalhadamente os escritos de Hermann Blumenau, em consonância com outros documentos acerca da implantação da Colônia Blumenau, torna-se possível conectar aspectos locais com a realidade da imigração estrangeira, articulando elementos do processo de deslocamento e transição de europeus para o Brasil no período imperial. Evidencio a intenção de equilibrar as especificidades exploradas em seus escritos, com o propósito de relacionar suas escolhas com as estratégias da ação colonizadora no Brasil de meados do século XIX. Interesse-me, primordialmente, em utilizar elementos da micro-história (Levi, 2020) para questionar sobre a racionalidade humana que governa os comportamentos, aproximando a literatura de viagem e as fontes históricas sobre a gênese da ocupação do Vale do Itajaí, mediante o compromisso de utilizar um caso relevante para outros núcleos de povoamento estrangeiro, preservando as especificidades e, se possível, escapando da generalização. Discuto as peculiaridades locais para ressaltar as diferenças entre o particular (Vale do Itajaí) e o geral (Brasil) nos estudos sobre as trajetórias e a imigração no Brasil.

A análise da personagem e o detalhamento de suas descrições viabilizam a lida com as incertezas do passado e, quiçá, a renúncia ao “simulacro da integridade individual” (Loriga, 1998, p. 245), em um movimento oposto à supervalorização da figura de Hermann Blumenau no processo imigratório para o Sul do Brasil, a partir de um esforço analítico capaz de indicar concepções e visões de mundo em um jogo de escalas. Muito ao contrário de reduzir a análise histórica à escrita de livros ou personagens específicas, concentro os debates nas relações de força (Ginzburg, 2002) e abordagens, elencadas como uma escolha demarcatória do lugar e das intenções partilhadas por Hermann Blumenau com outros sujeitos históricos ao longo do processo imigratório brasileiro. A proble-

² Originalmente escrito em língua alemã e publicado sob o título *Südbrasilien in seinen Beziehungen zu deutscher Auswanderung und Kolonisation*, em 1850, pelo editor Günther Froebel, em Rudolstadt, com um total de 101 páginas, divididas da seguinte forma: 1) Introdução e oito capítulos elaborados pelo autor; 2) Compêndio com seis subdivisões que contemplam a legislação brasileira sobre imigração; 3) Propaganda da editora de G. Froebel. Traduzido para língua portuguesa por Curt Hennings (cf. Blumenau, 1999b, p. 47-163).

³ Originalmente escrito em língua alemã e publicado sob o título *Deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Santa Catharina in Süd-Brasilien*, em 1856, junto ao editor Günther Froebel, que também atuava como agente de imigração. Traduzido para a língua portuguesa por Annemarie Fouquet Schünke (cf. Blumenau, 2002).

mática questiona a gênese de Hermann Blumenau como mito fundador, em um estudo de caso específico, com o propósito de extrapolar as investigações sobre imigração que privilegiam apenas os grandes contingentes de europeus emigrados para o sudeste do Brasil em meados do séc. XIX. Ao compreender as minúcias da cristalização das memórias em torno de uma única trajetória, intenciono discutir os limites reducionistas dessa concepção, responsável por forjar seres humanos infalíveis e ignorar os processos de interação e escolhas na interdependência entre os múltiplos sujeitos históricos no âmbito da agência humana. A premissa analítica da pesquisa evitou partir de elementos predeterminados (Revel, 2010), ao contemplar uma infinidade de interrogações formuladas ao objeto de pesquisa em questão, diretamente conectado à compreensão do processo imigratório como uma ação continuada e integrada às experiências, em cotejo com outras análises historiográficas sobre imigração e viagens ao Brasil no Oitocentos.

Hermann Blumenau e o apetite pelo Sul do Brasil: a origem do mito

O Brasil inteiro tornou-se alvo de constantes análises de naturalistas e viajantes, responsáveis pela elaboração de narrativas detalhadas dos hábitos, costumes e sociabilidades dos imigrantes no século XIX. Não se pode negar que sua percepção era mais aguçada quanto às diferenças de costumes e, em geral, observavam minuciosamente o Brasil “com óculos de um europeu que já vivenciara todo um processo de industrialização, que se calcava num discurso marcado pela cultura do trabalho, dentro da ótica capitalista” (Serpa, 1995, p. 15), trazendo em seu imaginário um desejo “civilizador”. O universo explorado por Hermann Blumenau também se integrava à chamada “literatura de viagem”, pautada em um deslocamento físico pelo espaço geográfico, em um determinado tempo, com a posterior composição de uma narrativa acerca de suas observações e experiências. Suas formas discursivas eram variadas, a saber: a crônica, a epístola, o romance, a poesia, o diário e o relato científico acrescentado, não raramente, do correspondente iconográfico.

Os relatos de viajantes, apesar de manifestarem uma cultura declaradamente estrangeira, ofereciam amplas

evidências da experiência cultural originária dos narradores. As viagens tornaram-se uma espécie de experiência central para a vivência da história, com ênfase na pedagogia e no aspecto instrucional, e os viajantes do século XIX intencionavam gerar conhecimento científico, a partir do esquadramento das regiões e do mapeamento de características geográficas, sociais e políticas dos habitantes das áreas visitadas (Guimarães, 2000).

Na transição entre trabalho escravo e livre no Brasil oitocentista predominavam os ideais de racialização hierarquizada na composição da população brasileira. Em substituição à mão de obra escrava, mesmo diante da insistência dos fazendeiros na manutenção dos costumes e laços da escravidão, a opção pela vinda de estrangeiros era considerada vantajosa, tanto do ponto de vista econômico como social e político. O objetivo era o povoamento das regiões de fronteira e interioranas do Brasil, além do abastecimento das cidades, a partir da diversificação da produção agrícola nacional. Em uma escala geral do continente americano, diferente dos Estados Unidos, o Império Brasileiro não elaborou uma política de imigração evidente, com medidas específicas aos emigrantes que adentrassem no país, a exemplo da separação das levas imigratórias e da obrigatoriedade do uso da língua portuguesa (Ferreira; Koepsel, 2008).

E foram tais condições que despertaram a atenção de Hermann Blumenau sobre o Brasil, a partir do ideal de conhecer terras distantes e, particularmente, envolver-se com a questão da emigração alemã para a América do Sul, nutrido por uma série de leituras relacionadas ao tema. Sua formação era em Química⁴ e exercia a função de farmacêutico⁵ em Erfurt, cidade de Braunschweig, na região da Prússia. Seu interesse aumentou depois de estabelecer contato com o cientista Alexander von Humboldt, que, em visita a Erfurt, conversou com Blumenau acerca de assuntos sobre o continente americano (Fouquet, 1950). Também utilizou suas conexões políticas para realizar sua primeira viagem ao Brasil, munido de cartas de recomendação dos cientistas Alexander v. Humboldt e Karl von Martius (Silva, 1995). Essa troca de experiências demonstra que seu planejamento previa uma pesquisa prévia e o contato com outros cientistas e viajantes antes da chegada ao Brasil e pode ser considerado um ponto crucial para a viabilização dos propósitos de colonização e estabelecimento de uma colônia alemã no Sul do Brasil. Não foi à toa que, pouco tempo depois, a Sociedade de

⁴ Hermann Blumenau firmou sociedade com Hermann Trommsdorff em uma fábrica de produtos químicos, onde desenvolveram um processo de reaproveitamento de sulfato de chumbo, fonte de poluição no despejo das indústrias de fabricação de alumínio. Viajou para a Inglaterra com a finalidade de patentear esse processo, com carta de recomendação de Justus von Liebig (químico e professor da Universidade de Giessen) a Thomas Graham, inglês que estudava química agrícola. Por sugestão de Sturz matriculou-se no curso de doutorado em química da Faculdade de Filosofia da Universidade de Erlangen, defendendo a tese intitulada “Correlações gerais entre alcaloides e bases inorgânicas” em 1846 (cf. Mangrich, 1991).

⁵ Hermann Blumenau trabalhou na Farmácia “Löwenapotheke”, em Erfurt, e também no Instituto Farmacêutico Hermann Trommsdorff (cf. Kiefer, 1999, p. 27).

Proteção aos Emigrantes Alemães de Hamburgo (Kiefer, 1999) contratou seus serviços, além de disponibilizar recursos em troca de informações de viagem e impressões sobre as condições dos estrangeiros em território brasileiro.

Blumenau fazia parte de um rol de estudiosos advindos da Europa, em sua maioria cientistas ligados às Ciências Naturais, que adentraram o Brasil no decorrer do século XIX, com o objetivo de descrever a natureza e os modos de vida dos brasileiros. As crônicas e textos produzidos pelos viajantes tornaram-se fontes importantes de informações acerca do Brasil oitocentista, além de contribuir para transformar observações e anotações em narrativas que privilegiavam a natureza tropical brasileira. Os viajantes conservavam um fascínio pela fauna e flora brasileiras, colaborando com os pesquisadores no sentido de questionar as pistas deixadas em seus livros, sobretudo porque suas interpretações e propósitos costumavam ser diversos em muitos sentidos. Ainda assim, eram portadores de características em comum: a maioria era originária de culturas protestantes e germânicas, aplicando uma leitura de mundo pautada em “modelos comedidos, ascéticos e racionalistas” (Schwarcz, 1998, p. 250-252), sem qualquer diálogo com a herança ibérica ou a cultura africana e indígena.

Alinhado às teorias de supremacia branca e à crença na hierarquia racial, H. Blumenau se posicionou sobre a formação humana do Brasil, na perspectiva de um europeu imbuído das discussões que permeavam o ideário civilizacional no velho continente. O pensamento racial do século XIX era incrivelmente disseminado pelo mundo, e todas as tradições culturais contrastantes dos países, aliadas ao desenvolvimento e às experiências históricas particulares, eram cuidadosamente unificadas por intermédio da ciência. As afirmações ilegítimas permeavam as “racionalizações de preconceitos, apoiadas em observações superficiais, conjecturas fáceis, hipóteses forçadas e fantasias auto promotoras” (Gay, 1995, p. 83).

Hermann Blumenau estava articulado a estas abordagens raciais, ao descrever o brasileiro como fruto de uma “mistura de raças” e portador de “grande indolência, preguiça, sensualidade”, sofrendo de “impetuosa paixão e irascibilidade, característica dos povos de países tropicais” (Blumenau, 1999b, p. 53). Esse posicionamento predominava em boa parte dos relatos de viajantes alemães que estiveram no Brasil, e Blumenau também utilizou suas lentes de europeu no julgamento sobre a conduta dos brasileiros, especialmente em relação à paciência, ociosidade, corrupção do funcionalismo público e àquilo

que denominava como “falta de cultura” da população (Ferreira, 1998, p. 109).

A exemplo de muitos viajantes, diante do cotidiano das áreas de interação entre distintos grupos étnicos, sua descrição era habitualmente cega, a partir da negligência das manifestações e apropriações vinculadas às práticas de “transculturização” (Pratt, 1999, p. 31), articulada pelos sujeitos históricos que atuavam na relação entre uma cultura determinante e uma periférica. Tal escolha implicava desconsiderar contribuições avaliadas como marginais e distantes do processo civilizacional; portanto, cabe analisar suas colocações sobre o cotidiano do Brasil a partir do estudo do sentido das palavras (Prost, 2014) de suas narrativas, com atenção redobrada à utilidade do passado como foro privilegiado de suas concepções culturais.

No processo imigratório estrangeiro ocorrido no período imperial brasileiro, os colonos alemães eram considerados “ideais”, pois carregavam consigo a possibilidade de promover o chamado “branqueamento” da população, em contraposição aos mestiços brasileiros, considerados desqualificados para o trabalho e, seguindo a lógica da teoria racial, classificados como povos inferiores” (Ferreira, 1998, p. 111)⁶. Chamava a atenção dos viajantes e dos estrangeiros, de modo geral, a permanência da escravidão africana no Brasil, fator que gerava uma espécie de padrão de civilidade negativo aos seus habitantes. No entanto, no livro *Sul do Brasil*, H. Blumenau descreveu a escravidão como uma “indigna instituição da humanidade” que, lamentavelmente, ainda persistia em território brasileiro, com destaque para o “número de escravos relevante em todo o país”, particularmente nas províncias do norte, que apresentavam uma estatística populacional em que, para cada branco, geralmente existiam dez negros (Blumenau, 1999b, p. 57). Embora sua argumentação destacasse que a escravidão, em todos os países, “não era apenas uma mácula, mas também fonte de desgraça e desmoralização”, portanto, um mal que ainda precisava ser superado na sociedade brasileira, Hermann Blumenau utilizava palavras que amenizavam os danos causados pela escravidão no Brasil. Relatava que os escravizados não sofriam rigorosas formas de castigos e alegava que recebiam “um tratamento melhor do que em outros países, quase igual ao dispensado pelo empregador alemão aos seus criados e diaristas” (Blumenau, 1999b, p. 57). Tal discurso negligenciava a existência do uso indiscriminado de violência física, fortemente associado ao racismo, que servia de base para a perpetuação do regime escravista e contribuiu para

⁶ Com relação a estas colocações, é importante salientar que o intuito de combater a escravidão a partir da vinda de trabalhadores livres era quase sempre uma proposta de duas vias, sendo incentivada pelo governo, em muitos casos, visando o embranquecimento da população do país, o que começou a ser colocado em prática a partir de 1850, com a chegada das primeiras levas migratórias ao Brasil, por meio de políticas de controle populacional, além da seleção de imigrantes que poderiam se estabelecer no país (cf. Lesser, 2001, p. 20).

que o Brasil conservasse a triste marca de último país a decretar a abolição nas Américas.

Entre a escravidão e a liberdade vigorava a manutenção de práticas de fragilização de libertos e ex-escravos, a exemplo do “ônus da prova” partir do sujeito alforriado em caso de tentativa de reescravidão (Chalhoub, 2012a, p. 228-229), além das dificuldades para a compra da própria liberdade pela população escrava, ou mesmo a separação de seus amigos e familiares na situação de venda de africanos para outros países (Scott e Hébrard, 2014), situação que, em grande medida, pesava mais do que os castigos e punições físicas para muitos sujeitos escravizados (Chalhoub, 2012b).

Esse cenário era parcialmente conhecido por Hermann Blumenau, e ele acompanhava seus desdobramentos em conjunto com o cônsul alemão na Prússia, Johann Jacob Sturz. Ambos sustentavam em comum o objetivo de iniciar um processo de colonização alemã no Brasil, utilizando como base argumentativa o combate ao tráfico de trabalhadores escravos no país. Além disso, defendiam a pequena propriedade como base do processo migratório estrangeiro, a partir da abolição como condição fundamental para tornar o Brasil um país civilizado. Imbuídos de um ideal racial de branqueamento progressivo da população brasileira, consideravam a erradicação da escravidão um instrumento civilizatório, em cujo avesso estariam a escravidão e o latifúndio atendido por esse regime de trabalho (Zimmermann, 2001).

Blumenau indicava a Sturz, via correspondência, que os escritos do cônsul em repúdio à manutenção do sistema de trabalho forçado quase não tinham repercussão no Brasil, dado que boa parte de suas circulares estavam na Alemanha e nunca foram lidas. Solicitava que ele parasse de enviar “folhetos” aos seus amigos alemães estabelecidos no Brasil, insistindo para que se dedicasse mais aos propósitos da colonização, deixando de lado esforços perdidos (Blumenau, 2004, p. 39-40). Esse pedido não dizia respeito à pouca receptividade dos panfletos, muito ao contrário, tratava-se do fato de estar desagradando políticos influentes no Brasil, além da repercussão negativa junto aos comerciantes alemães já estabelecidos em terras brasileiras (Nicoceli, 2014). Ao indicar que Sturz deixasse “totalmente em paz a desgraçada história dos escravos”, com a afirmação de que o cônsul não conseguiria “nada com isto”, além de comprometer “o que teriam podido ganhar”, correndo o risco de fazer “ainda mais inimigos do que já têm” (Blumenau, 2004, p. 41). Nesse comentário Blumenau demonstrava o incômodo que sentia, na condição de estrangeiro, com a possibilidade da perda de apoio das elites e autoridades políticas brasileiras para levar adiante seu tão sonhado empreendimento de colonização se continuasse em defesa da abolição da escravidão.

Claramente estava preocupado que tais princípios comprometessem seu projeto de colonização, e, diante da intensificação dessas divergências, Hermann Blumenau e Johann Jacob Sturz (Voigt, 2004) quebraram seu vínculo relacional, movidos pelo desentendimento acerca da continuidade e/ou descontinuidade do trabalho escravo em terras brasileiras.

Sem necessariamente deixar de adquirir escravos (Salomon; Voigt, 2000) na fase inicial da Colônia, o princípio norteador das ações de Blumenau era direcionado para seu empreendimento de colonização; logo, frisava muito as diferentes riquezas da terra e usos da natureza, com ênfase em descrever aquilo que considerava indolência da população brasileira quanto às atividades laborais, embora assinalasse que o trabalho braçal era algo aceitável e muito valorizado no Brasil entre os trabalhadores brancos. Justamente por isso Hermann Blumenau se posicionava sob a perspectiva de um europeu imbuído das discussões raciais que permeavam o ideário civilizacional no velho continente e, embora admitisse que a escravidão era uma mácula, minimizava a questão humanitária e voltava seus interesses ao estabelecimento de alemães no Sul do Brasil. As referências de H. Blumenau às províncias do Sul do Brasil eram apresentadas aos potenciais emigrantes alemães a partir das descrições positivadas. Tanto em relação à população brasileira quanto no tocante à natureza, a narrativa possuía fins utilitários e pedagógicos, fatores que sobressaíam na centralidade do papel atribuído ao potencial colonizador, mediante a disponibilidade de recursos naturais, e às vantagens para os possíveis empreendimentos que poderiam ser iniciados nessa região. Sua meta era a estratégica defesa do Sul do Brasil como um destino migratório capaz de assegurar a essência da alma germânica para a “Nova Alemanha” no Brasil meridional.

O idílico, o natural e as lentas passageiras e “cor-de-rosa” no enredo das narrativas de viagem

Hermann Blumenau, na condição de narrador, afirmava ter aderido à “verdade”, com a apresentação de “meticulosas comparações” capazes de descrever o Brasil, país que considerava “extremamente belo, fascinante, abençoado e prodigamente contemplado pela natureza, um verdadeiro diamante à espera de um hábil mestre que o transforme na joia mais preciosa do mundo” (Blumenau, 1999b, p. 49). Para além dos elementos poéticos e idílicos, evidenciava-se um relacionamento com os trópicos a partir das concepções europeias como herdeiras de uma cultura voltada aos ideais de desenvolvimento e progresso, ambos integrantes dos princípios civilizatórios do século XIX.

Ao mobilizar analiticamente as narrativas dos viajantes, impregnadas com um olhar que “fala e diz o visível”, descrevendo para ver e fazer ver, cabe retomar o princípio dos narradores nas articulações entre espaços e saberes na formulação de quadros descritivos (Hartog, 2014, p. 281). Esse ver e saber, elaborados por um sujeito (viajante) que relata experiências e combina em sua narrativa uma reflexão que se pretende metodológica sobre o vivido, não ficaram restritos ao olhar que testemunhava impressões e foram concebidos por Hermann Blumenau como verdade e/ou realidade, regido pelos princípios científicos da química no oitocentos. Prova disso foi uma extensa e minuciosa explicação sobre o Brasil, onde constava uma descrição dos aspectos climáticos e naturais de todas as regiões, especialmente do Brasil meridional, com base em uma vasta literatura de viagem citada e também indicada para a leitura. Blumenau recomendava “àqueles interessados em maiores informações” que lessem viajantes “de tempos passados e atuais”, indicando aos leitores a necessidade de combinar informações colhidas em outros textos, a exemplo dos relatos de “Langsdorff, Eschwege, Spix, Martius, Sellow, Auguste de St. Hilaire, Arsène, Isabelle” e “Mawe” (Blumenau, 1999b, p. 143). Seu propósito era conferir crédito às inúmeras informações trazidas em sua obra a respeito das localidades visitadas, indicativo de que estudou meticulosamente as produções desses viajantes e naturalistas alemães. Por extensão, vale ressaltar que desde o ano de 1842, quando ainda exercia a profissão de farmacêutico na cidade de Erfurt, Blumenau havia estabelecido contato com intelectuais e políticos na Europa, a exemplo dos cientistas Alexander von Humboldt, Johann Friedrich Theodor Müller, além de Karl Friedrich Philipp von Martius, responsáveis por despertar sua atenção para os propósitos ligados à emigração para o Novo Mundo (Nicoceli, 2014).

Alexander von Humboldt intermediou a nomeação de Blumenau para o cargo de procurador e encarregado de estudar as condições de vida dos colonos no Brasil (Silva, 1988, p. 26), além de tê-lo aconselhado a usar seus conhecimentos químicos como meio de subsistência durante a expedição pelas terras brasileiras (Kiefer, 1999). Além disso, de modo semelhante a Humboldt, sua narrativa sobre as questões geográficas envolvia citações de dados sobre latitude e longitude, conforme o exemplo: “no planalto das regiões do sul do Brasil, partindo da Serra do Grão Mogol (Lat. 16-17° S. Br.) na Província de Minas Gerais até a fronteira oeste da Província do Rio Grande do Sul”, locais onde estavam as “Províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, como também toda a Província do Rio Grande do Sul e Santa Catarina”. Para Blumenau, tais localidades congregavam o “clima mais saudável e adequado para os alemães” (Blumenau, 1999b, p. 141) se estabelecerem no

Sul do Brasil. Salientava os casos específicos das citadas províncias, frisando que, na baixada litorânea da Província de Santa Catarina, as oscilações de temperatura eram menores e o clima se destacava pela “constância e amenidade”, ao passo que, no continente, a poucas horas da costa, acima do nível do mar e a algumas centenas de pés de altura, a temperatura decrescia rapidamente em comparação com o litoral. Essa forma de anotar e descrever a natureza em muito convergia com as contribuições trazidas por Humboldt (Andrä, 1962; Caus e Leme, 2014; Kury e Sá, 1999; Lisboa, 2020; Pratt, 1999; Rodrigues, 2015), estabelecidas a partir da medição sistemática e precisa dos fatores físicos que intervinham nos lugares estudados, caso das condições climáticas, altitude, umidade e outros, analisadas com o propósito de compreender a região observada e mapeada pelo viajante/naturalista. A partir dessas constatações, estabelecidas de forma comparativa, Hermann Blumenau articulava as distintas questões que interferiam na composição natural da área por ele analisada, conferindo aos leitores uma noção mais específica e precisa acerca do local descrito.

Ao caracterizar a região de Desterro, Blumenau assinalava que, por causa das belas vistas para duas grandes baías e montanhas no mar, a permanência em Desterro era a mais aprazível do mundo, afirmando que “quem já viu aquele céu azul forte, límpido e aquelas noites belas de luar, jamais esquecerá” e, assim, se sentirá triste quando for obrigado a suportar os dias curtos e escuros do outono e inverno da Alemanha (Blumenau, 1999b, p. 147). Essas impressões resplandeciam de modo romaneado os aspectos positivos observados por ele diante da natureza da região Sul do Brasil. Contudo, muito além de somente romancear as descrições acerca dessa localidade, Blumenau também dialogava com as contribuições trazidas pela obra de Humboldt, especialmente no que concerne à valorização do clima americano e da natureza, em contraposição a boa parte das produções a respeito da história natural elaboradas no século XVIII, que defendiam que os trópicos eram investidos de uma índole negativa (Schiavinatto, 2003).

Esse contato com outros viajantes e cientistas europeus, sobretudo Humboldt, proporcionou uma valorização dos estudos sobre a natureza, não apenas porque evocava um encantamento, a partir de sua apreensão como fonte de emoções, atuando sobre a sensibilidade do observador. Afinal de contas, nos relatos de viagem era fundamental compreender, interpretar e criar uma imagem de Brasil, com referências e descrições sistemáticas. Desde o final do século XVIII, a história natural era considerada uma atividade benéfica física e espiritualmente, e o contato com a fauna e a flora fortaleceria o corpo, levando à reflexão sobre a ordem perfeita que reina na natureza. Tais princí-

pios justificavam o interesse de um público leitor voltado às artes e às ciências, nas apropriações das narrativas acerca dos aspectos naturais, motivadas pelo princípio de sistematização peculiar à história natural (Kury; Sá, 1999).

Em suas descrições no livro *Sul do Brasil*, Hermann Blumenau ressaltava que o clima e a salubridade do país deviam ser considerados como os melhores, além de fazer uma ferrenha defesa das noites de Santa Catarina serem amenas e raramente frias ou úmidas na maior parte do ano, garantindo que esse era um diferencial que causava uma sensação indelével (Blumenau, 1999b, p. 49) e não seria obtida em outros países americanos. O clima do Brasil meridional era caracterizado como benéfico aos colonos e, frequentemente, utilizado como argumento para firmar a ideia das vantagens do país frente aos potenciais emigrantes alemães que ainda estivessem indecisos quanto ao seu destino imigratório. Tal perspectiva integrava o aspecto de idealização e contribuía para Hermann Blumenau ficcionalizar sua narrativa, direcionando suas concepções para a região como propícia à colonização alemã, visando conquistar conterrâneos para se estabelecerem na Colônia Blumenau.

Juntamente com o clima, a variedade da vegetação também era considerada um fator positivo, e, somada à abundância de recursos naturais da região Sul do Brasil, a narrativa poetizada destacava a beleza “arrebatedora” das florestas “em sua majestade, quase sufocante” (Blumenau, 1999b, p. 69). Por extensão, Hermann Blumenau também mencionava as madeiras, plantas medicinais e frutos encontrados nas matas sulinas, entremeadas pelo caráter narrativo de teor científico, em combinação com palavras de cunho romancado, derivadas de sua própria concepção de mundo e vivências na observação dessas localidades. Fazia alusão aos aspectos pitorescos da natureza como um recurso de estilo narrativo capaz de aproximar o público leitor dos fatores naturais apreciados por ele em sua condição de estrangeiro, com o objetivo de torná-los mais palpáveis e compreensíveis (Schiavinatto, 2003).

A constante exaltação à natureza em um sentido romanesco costumava ser combinada com seus fins utilitários, invocados na estética narrativa em alinhamento com o realismo das Ciências Naturais, destacando-se a paixão terna pelo passado. Tais relações podem ser verificadas nos relatos de Eschwege, em seus discursos científico e utilitarista (Augustin, 2009), ou mesmo nos trabalhos de Martius e Spix, que descreveram os aspectos pitorescos da natureza brasileira, fazendo uso de uma linguagem estético-científica (Lisboa, 1997). Em alinhamento com essas narrativas de viagem, Hermann Blumenau pautava seus escritos na interrelação entre os aspectos naturais e suas possíveis utilidades, evidenciadas nos comentários acerca da grande quantidade de plantas medicinais existentes no país, especialmente nas províncias de Santa Catarina e do

Rio Grande. Essa ênfase na região Sul também se estendia aos comentários sobre as práticas médicas, ao citar que os médicos costumavam utilizar remédios europeus e deixavam o emprego das plantas nativas para os curandeiros, considerados pelo narrador muito mais bem-sucedidos na cura de males, onde muitas vezes fracassavam os “mui estudados” médicos europeus (Blumenau, 1999b, p. 73).

Tais exemplos são evidências de que a estética narrativa dos relatos de viagem do século XIX frequentemente cedia espaço ao realismo, que atendia aos propósitos pedagógicos relacionados à orientação para sobrevivência na mata e à preservação ecológica. É importante verificar, portanto, que a conciliação do entusiasmo romântico alia-se à ciência e ao raciocínio sistemático, característica da narrativa de viagem, determinada por meio de uma tradução do olhar. As comparações vigoravam entre semelhanças e diferenças mencionadas pelo narrador-viajante, em meio a uma imbricada questão entre lugar de origem e lugar visitado (Hartog, 2014).

Com o detalhamento estabelecido nas descrições, a linguagem era traduzida em escrita no afã de comprovar o discurso e gerar um efeito de real para a “legitimação do saber” (Certeau, 2000, p. 101). Diante da diferença entre os elementos narrativos e a própria realidade transformada em impressões de viagem, não era incomum a noção sobre a existência de equívocos nas descrições. Hermann Blumenau assinalava que, apesar de ter dispendido grande atenção para a escrita do livro, poderia ter cometido erros, colhendo “impressões errôneas” ou mesmo vendo a “realidade com lentes cor-de-rosa” (Blumenau, 1999b, p. 47). Isso se evidenciava em algumas descrições sobre a natureza, a exemplo de seu comentário sobre a existência de “cobras em grande quantidade” nas províncias do Sul do Brasil, embora afirmasse categoricamente que poucas eram “venenosas”, voltando à narrativa adjetivada para informar que a “maravilhosa cobra coral” era “totalmente inofensiva”, ou ainda que os “animais ferozes são tão raros” nas províncias sulinas, que “mesmo caçadores exímios e apaixonados não conseguem encontrá-los” (Blumenau, 1999b, p. 77-79). Evidentemente o químico não detinha conhecimento detalhado sobre a fauna brasileira, ignorando as diferenças entre as espécies de cobra coral e a presença de felinos como o puma, originário da América Latina. Além disso, desconhecia certos aspectos das Ciências Naturais, atribuindo esses equívocos à “falta de tempo” para revisão, devido às preocupações com a “viagem de regresso”. Por extensão, também declarava a “inexistência de relatos detalhados em língua alemã” (Blumenau, 1999b, p. 47) sobre o Brasil, dificultando o diálogo com a sua produção, além de seu natural deslumbramento e empolgação em torno da exuberância da natureza brasileira, elemento inerente às narrativas de viagem dos estrangeiros.

Os viajantes que permaneceram temporariamente em contato com as terras brasileiras buscavam descrever o território conferindo forma à multiplicidade dos fenômenos. Ademais, o espaço selecionado acabava se transformando em um conjunto coerente diante de seus diversos aspectos naturais e sociais, no afã de compor uma espécie de totalidade. Os relatos e descrições assinalados por Hermann Blumenau apontam para o fato de que ele assumia tanto a função de viajante, ao fixar tipos e quadros locais acerca da região Sul do Brasil, quanto a de cientista, ao buscar classificar, ordenar e organizar a natureza do país em suas descrições. Ainda assim, sua formação na área química não era suficiente para que a ordenação de dados sobre a fauna e a flora brasileiras escapasse das armadilhas dos equívocos, predominando uma narrativa como viajante, voltada à textualização do olhar e verificável por meio de uma “série de tropos como metáfora, paradoxo e ironia” (Augustin, 2009, p. 65), perpetuando um discurso acerca de pontos de interesse na descrição do lugar. Havia uma espécie de inversão daquilo que, na falta de expressão melhor, se convencionou denominar como “papel de conquistador” ocupado pelo viajante que, a partir do contato com a natureza, se convertia em uma descrição capaz de “conquistar o seu visitante” (Süssekind, 1990, p. 13). Portanto, suas práticas discursivas, atreladas à instauração de uma “ordem” e imbuídas de intencionalidades que condicionaram a produção, divulgação e circulação de seus escritos em formato de publicação final (Chartier, 1994), regeram os posicionamentos de H. Blumenau acerca da natureza e política brasileiras.

Entre as escalas micro e macro, a literatura de viagem que envolvia as descrições dos naturalistas e viajantes bávaros, Spix e Martius, comparativamente aos escritos de Hermann Blumenau, denotava propósitos semelhantes: analisar a fauna, a flora e o desenvolvimento da sociedade brasileira, tomando por base as diferentes etnias de sua composição. Porém, saltam aos olhos as diferenças na medida em que se estabelecem análises mais detalhadas entre o trabalho dos viajantes bávaros e o de Hermann Blumenau. Martius e Spix (1989) problematizaram e destacaram aspectos acerca da colonização no Brasil – neste caso, a colonização portuguesa –, analisando seus efeitos diante da sociedade, sem necessariamente defender localidades com possíveis atrativos qualificados para o estabelecimento de imigrantes “alemães”. Hermann Blumenau, por sua vez, destacava aspectos utilitaristas em defesa da região Sul do Brasil como um local privilegiado para a colonização, com o propósito de indicar uma ordem aos aspectos naturais visitados.

Como já mencionado anteriormente, sua narrativa esteve pautada no destaque para o tema da natureza em sua diversidade e onipresença, característica que atravessava o conjunto do livro de Hermann Blumenau, com a descrição de aspectos naturais e climáticos da região Sul do Brasil e detalhes de sua fauna e flora. Entretanto, seu objetivo não esteve voltado a verificar a intervenção humana sobre a natureza, muito menos em apenas coletar, como um naturalista faria, espécimes e exemplares exclusivos da região. Suas observações registradas eram pragmáticas, concentradas nas singularidades que se sobressaíam nas localidades visitadas, indicando as possibilidades para empreendimentos imigratórios nestas regiões. Isso significa que Blumenau assumiu a função de viajante, ao pesquisar sobre as características da fauna e da flora específicas da região Sul brasileira, pautando-se em impressões obtidas mediante observação *in loco*, além de relacionar-se intensivamente com outros naturalistas e viajantes estrangeiros, imbuído do firme propósito de implantar um projeto de colonização para o estabelecimento de uma colônia alemã na região do Vale do Itajaí.

A metáfora da “minha criança” e a personificação da colônia alemã Blumenau

A discussão acerca da permanência da personagem de H. Blumenau como exclusivo responsável pela imigração integra a problemática dessa pesquisa histórica, colocando em xeque sua referência como “fundador”, em um movimento oposto à supervalorização de sua figura no processo imigratório para o Sul do Brasil. Minha motivação central consiste em contribuir para a derrubada das vertentes que estudam a imigração de modo dicotômico, pela via da modernização do país e protagonizada por “homens progressistas”, responsáveis pela implementação de ações consideradas imprescindíveis ao progresso e desenvolvimento do ideal de nação daquele período. Por esses e outros motivos, os estudos sobre imigração no Brasil ainda se encontram, em grande medida, atrelados às versões laudatórias que se limitam a reverenciar os grandes homens do século XIX, com ênfase nos aspectos comemorativos e saudosistas. Tais perspectivas são desprovidas de análise e carecem de analogia com os movimentos populacionais ocorridos no Brasil, além de reforçar exclusivamente a regionalidade da questão, isolando-a da política imigratória brasileira.

⁷ Na proposta havia uma solicitação para isenção de taxas e impostos sobre os trâmites da venda e compra de terras pelos colonos e produtos para trabalho transportados pelos imigrantes. Como reforço e incentivo, caberia também à Província realizar o pagamento das despesas da colonização, cabendo o pagamento de 2\$000 anuais para cada colono introduzido nos primeiros dez anos e 1\$000 nos cinco anos seguintes.

O estudo da gênese do mito fundador remete ao projeto de colonização (Blumenau, 1848)⁷, apresentado em 1848 ao governo provincial de Santa Catarina por Hermann Blumenau, voltado à implantação de uma Colônia no Vale do Itajaí. Após dois anos, recebeu autorização para iniciar sua proposta, e, embora o desenvolvimento da Colônia tenha sido lento e gradual, a propaganda sobre o estabelecimento de um suposto próspero núcleo de colonização particular na região foi muito intensa e contribuiu para formular uma memória⁸ cristalizada de Hermann Blumenau como fundador e pai da Colônia Blumenau. Em grande medida, a historiografia sobre a região, produzida entre as décadas de 1930 e 1990 (Fouquet, 1979; Hering, 1987; Kormann, 1994; Silva, 1995), esteve fortemente marcada pelos princípios desenvolvimentistas e elaborou uma versão da história pautada no enaltecimento de heróis que encarnavam o destino dos grandes homens voltados a cumprir uma missão para reforçar trajetórias triunfais idealizadas⁹.

Mas não foi apenas a historiografia regional que atribuiu a Hermann Blumenau as características de exemplaridade. Segundo os estudos de Carlos Oberacker Jr., publicados na coleção História Geral da Civilização Brasileira, um dos melhores resultados de colonização pelo sistema de pequena propriedade agrícola foi criado por Hermann Blumenau. Seus estudos historiográficos enfatizavam que “o nome de Blumenau entrou para a história como a quintessência do que seja a colonização baseada na pequena propriedade” e apontaram as diferenças entre uma colonização idealista e a de um comerciante, sob a alegação de que “colonizar era para ele muito mais que uma questão meramente econômica; era uma missão, uma tarefa de alcance cultural que merecia, como ele próprio afirma, o sacrifício do patrimônio particular, da saúde, de toda uma vida” (Oberacker Júnior, 2004, p. 277). Tal perspectiva historiográfica contribuiu para reforçar a permanência da personagem de H. Blumenau como único responsável pela imigração em um movimento de supervalorização de sua figura no processo migratório para o Sul do Brasil, atribuindo-lhe características de

“grande homem” (Loriga, 1998; Enders, 2014) do século XIX e limitando as possibilidades de análise¹⁰.

Essa cultura histórica enaltecia apenas os feitos dos imigrantes de destaque, com ênfase às lideranças locais ligadas à colonização alemã, colaborando para divulgar uma situação baseada no mito fundador, personificado na figura de Hermann Blumenau¹¹. Tais discursos de idealização da Colônia Blumenau ainda vigoram insistentemente no universo de boa parte da historiografia sobre a imigração no Brasil; portanto, convém aos historiadores da atualidade identificar as “regularidades, apreender as continuidades ou atualizar as fendas, as roturas”. Por esses e outros motivos, a investigação pormenorizada das narrativas de H. Blumenau viabiliza ampliar consideravelmente o debate sobre a colonização estrangeira no Brasil, com base na questão da “mudança na história e em história” (Hartog, 2017, p. 24).

No entanto, cabe ainda perscrutar como o próprio Blumenau contribuiu para a intensificação de si mesmo ao criar uma colônia com seu próprio nome e divulgar relatórios impressos na Europa, publicados sob a denominação *A Colônia Alemã Blumenau*¹². Seu relato estava centrado no início da colonização acompanhado de algumas considerações sobre a imigração para o Brasil e sugestões voltadas aos imigrantes interessados em estabelecer moradia na América. Sua narrativa motivou o estudo sobre as particularidades da imigração alemã em Santa Catarina, viabilizando a conexão entre aspectos locais e o contexto geral do processo migratório para o Brasil.

Hermann Blumenau e seu editor estavam interessados em publicar temáticas de ordem prática, com destaque às peculiaridades do clima tropical, considerado fonte de “efeitos benéficos para o organismo do imigrante alemão” (Blumenau, 2002, p. 26). No livro denominado *A Colônia Alemã Blumenau* também apareciam referências às possibilidades oferecidas aos imigrantes no país, em especial no tocante à questão do “preço médio de terras”, declarado pelo alemão como “bastante baixo”, frisando que, ao contrário dos Estados Unidos, no Brasil o estran-

⁷ Tal feito de memória acompanha a história da cidade de modo enraizado e, diante da estátua de H. Blumenau, em frente ao Mausoléu Dr. Blumenau, lugar de memória no centro histórico da cidade, são realizadas homenagens ao dito “fundador”. Tanto é que a cidade é *sui generis* em uma das situações mais excêntricas no calendário festivo das cidades brasileiras: todo ano, sem exceção, no dia 02 de setembro, data do aniversário da cidade, comemora-se, no túmulo de H. Blumenau, o nascimento da colônia, com música, dança e muitas coroas de flores, enviadas por instituições representativas do município e região.

⁸ Giovanni Levi apontou que a realidade histórica não pode ser abordada a partir de um esquema único de ações; portanto, a mudança social somente pode ser analisada por meio das fissuras de liberdade elaboradas pelos sujeitos históricos, capazes de se infiltrar nas estruturas de dominação social mais rígidas. Isso significa que os tipos ideais ou teleologicamente pensados por algumas realizações biográficas (biografias heroicas/ lineares) foram deixados de lado, para pensar que os conflitos do indivíduo não podem ser reduzidos a simples esquemas de oposição (moderno/tradição, popular/erudito); pelo contrário, precisam ser pensados do ponto de vista da inter-relação entre grupo e indivíduo, a partir de determinações sociais múltiplas (cf. Levi, 1996).

⁹ Para contrapor tais vertentes historiográficas, cf. Nicoceli e Ferreira, 2011; Ferreira, 2021.

¹⁰ Prova disso foi que no ano de 2019 foi comemorado em Blumenau o bicentenário de H. Blumenau, com celebrações e eventos dos mais diversos em homenagem ao antigo diretor colonial, com destaque para a simbologia da invenção das tradições, com selos comemorativos e um monumento banhado a ouro inaugurado pelo prefeito municipal. A organização desse tipo de ocasião festiva compactuou com a legitimação de uma memória histórica de cunho oficial, sustentada por grandes personagens, e tais práticas inspiram a nós, historiadores, a uma necessária “reescritura do passado” (cf. Desfile..., 2019).

¹² Foram publicados dois livros: Em 1856, *Die Deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Sta. Catharina in Süd-Brasilien*, cujo original se encontra no Arquivo Histórico de Blumenau e foi traduzido em 2002 (cf. Blumenau, 2002). Dois anos depois, em 1858, foi publicado *Die Deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Sta. Catharina in Süd-Brasilien*. O original encontra-se digitalizado para acesso na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/>.

geiro pode ser proprietário de terras (Blumenau, 2002, p. 43-44). Sempre que possível manifestava-se contrário à imigração para os Estados Unidos e o Chile, e sua chave de leitura envolvia ampla divulgação que propunha facilidades quanto ao tema mais importante da imigração: a questão da posse territorial, responsável pela segurança econômica a que tanto aspiravam os emigrantes antes da chegada ao Brasil. A lente do narrador estava assentada em sua percepção sobre a realidade nacional, baseada em sua formação, suas concepções, conceitos e preconceitos (Sarat, 2011), que revelavam uma atenção especial para informações privilegiadas sobre a imagem do país quanto à recepção de estrangeiros.

Para que esses princípios fossem executados, H. Blumenau informava os europeus desejosos de imigrar sobre a extrema importância de colher dados sobre o país de destino e a rota de viagem terrestre (Alves, 2014) e outras questões que envolvessem o traslado atlântico. Tal situação favoreceria melhores condições para o estabelecimento nos locais escolhidos e auxiliaria no planejamento, conferindo certa segurança para a operacionalização da vinda para o Brasil. Além dos agentes de imigração, esta função era preenchida por livros de viajantes ou de emigrados que descreviam a colonização do país, voltados em primeiro lugar a um “público leitor transnacional de língua alemã” (Lisboa, 2008, p. 104). Em consonância com tais práticas de divulgação, H. Blumenau trouxe detalhes sobre sua Colônia particular, assim como sugestões para possíveis imigrantes, com “algumas instruções práticas sobre a organização da viagem” (Blumenau, 2002, p. 109)¹³. Essas narrativas evocavam constantemente sua Colônia, reforçando as vantagens encontradas no local, fator que denotava a multiplicidade de perfis dos fluxos migratórios, mas também a especificidade desejada por H. Blumenau a partir da divulgação e propaganda na atração de “bons” colonos que contribuíssem para valorizar seu negócio. Compartilhava uma visão civilizatória em relação à mata, como desafio a ser “enfrentado e combatido” (Zarth, 2013, p. 153) com as armas do progresso, a partir de um discurso que compreendia o “domínio tecnológico sobre o ambiente natural” (Sarat, 2011, p. 50). Nessa perspectiva, considerava como investimento essencial para o imigrante tanto a “aquisição das melhores ferramentas” (Blumenau, 2002, p. 113) para o trabalho nos trópicos, utilizando os moldes adequados para machados e foices, quanto o uso de chapéus de aba larga e sapatos resistentes para suportar as intempéries da natureza.

Blumenau também indicou que “apenas deveriam imigrar jovens que podem exercer um ofício necessário

na mesma, ou então que trabalhem na agricultura empunhando enxada e machado” (Blumenau, 2002, p. 32), para suportar os duros esforços em uma nova Colônia. De forma semelhante, o alemão defendeu que “as pessoas solteiras não eram compatíveis de modo algum com uma colônia agrícola independente” (Blumenau, 2002, p. 111), pela necessidade de ter um homem para sustentar a família e uma mulher para cuidar dos afazeres domésticos, elaborando sua narrativa com base em seu próprio conhecimento empírico, sustentado pela sua experiência como diretor da Colônia. Tal posicionamento contribuía para conectá-lo à maior parte das narrativas de alemães sobre o Brasil, com predomínio de uma abordagem pautada na divisão entre selvagem e civilizado, geralmente, acoplada ao ideal dicotômico de uma população dividida entre “bons e maus” (Correa, 2005).

A Colônia Blumenau retratada no livro homônimo representava a realidade como metáfora do próprio Hermann Blumenau, fator que evidenciou a necessidade de “interpretar criticamente todos os documentos e narrativas” (Portelli, 2006, p. 106) sobreviventes do passado. A construção da realidade em forma de narrativa pressupõe uma atividade voltada à escolha de fragmentos (Pereira; Ilegelski, 2002) do tempo e espaço observados e transformados em texto. Em suas narrativas, H. Blumenau citava dois grupos distintos: os “inimigos da colonização alemã no Brasil” e os “amigos deste belo país”, desejosos em provar que, “apesar dos poucos recursos, seria possível obter sucesso com perseverança e honestidade” (Blumenau, 2002, p. 22; 51) por intermédio da imigração. Nessa dualidade, o diretor se identificava com o segundo grupo, não apenas por conta da implementação da Colônia Blumenau na Província de Santa Catarina, mas também por seu esforço em defesa da causa da colonização como um todo. Esse contexto de esforço pessoal era corroborado por sua fala voltada ao cumprimento de promessas, dentre elas a máxima de que sempre zelaria pela Colônia “como se fosse minha criança, a princípio adoentada, mas depois pronta para desabrochar e se desenvolver”, indicando que se esforçaria para “ser um amigo fiel e participativo para aqueles que julgam poder confiar em mim e pretendem fazer parte da Colônia” (Blumenau, 2002, p. 125).

A personificação de Hermann Blumenau e o reforço dessas caracterizações ao longo do texto indicavam seu posicionamento voltado aos tons heroicos de sua trajetória, por conta da fidelidade a um ideal e da suposta crença de “que todo objetivo pode ser alcançado, desde que seja dotado de uma vontade suficientemente forte”

¹³ Além dessa referência, Blumenau também publicou recomendações sobre profissões e utensílios, compra de passagem e outras questões; em 1851, também pelo editor Günther Froebel, o livro *Leitende Anweisungen für Auswanderer nach der Provinz Sta. Catharina in Südbrasilien*, traduzido por Annemarie Fouque Schünke em 1999, sob a denominação *Guia de Instruções aos Emigrantes para a Província de Santa Catarina no Sul do Brasil* (cf. Blumenau et al., 1999a).

(Todorov, 2017, p. 14; 19). Seus princípios de colonização eram representados a partir de elementos positivos, buscando criar uma imagem confiável de si mesmo e de seus esforços em colaborar com os imigrantes intencionados em estabelecer-se no Brasil, em um autêntico movimento atribuído a quem se considerava no século XIX como líder ou “grande homem”, cujas ações consistiam em fazer coincidir suas aspirações com as construções sociais do período. Diante de tais considerações, cabe retirar o foco das “qualidades pessoais e serviços prestados ao bem público e à humanidade” (Oliveira, 2011, p. 17), abordagem que reforça sua mitificação como “fundador”, excluindo a compreensão da pluralidade de agentes históricos no Vale do Itajaí. Neste caso, “um mito não é necessariamente uma história falsa ou inventada”, mas uma explanação que se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento individual, transformando-o na formalização simbólica (Portelli, 2006, p. 120-121). Ao serem reforçadas em trabalhos posteriores, estas idealizações criaram uma memória coletiva a ser incorporada pelos indivíduos da sociedade local como verdade intrínseca e dotada de significação por si mesma, com a valorização de personagens heroicos e exemplares, tipificados por discursos fundadores pautados em um passado inequívoco que impulsionava um futuro pela frente (Orlandi, 1993, p. 12), demonstrando uma espécie de crença em um destino histórico e teleológico.

Em consonância com um propósito evolucionista, H. Blumenau defendia que o desenvolvimento da Colônia deveria ser pautado no ideal nacionalista de fundação de uma “pátria alemã” (Seyferth, 2007, p. 79) nos trópicos, contrapondo-se às populações nativas e à floresta. Tal posicionamento era condizente com uma visão etnocêntrica das populações humanas, amplamente discutida pelo viés do racismo (Ferreira, 1998). Para além do não dito por Hermann Blumenau, prevaleciam temáticas acerca das possíveis “vantagens do Brasil” (Lisboa, 2008, p. 97) para a adaptação de germânicos, além da proximidade com o mar e a existência de “um porto favorável, junto a uma via navegável” (Blumenau, 2002, p. 21-22), que garantiria o comércio com as diferentes províncias brasileiras e com a Europa.

Por isso mesmo, frequentemente, a natureza propagandística da narrativa de H. Blumenau retomava pontos centrais que sustentavam a ênfase na luta “contra os infortúnios iniciais” e as “intermináveis dificuldades na mata virgem”. O alemão indicava uma espécie de desenvolvimento que transcorria com lentidão, mas progressivamente, atribuindo ao trabalho dos imigrantes e à força da colonização tais condições (Blumenau, 2002, p. 26). As propagandas de H. Blumenau acerca do sul do Brasil como um território propício à imigração, apesar

de constantes desde 1846 com publicações diversas na Alemanha, ainda não haviam sido capazes de atrair um contingente elevado de imigrantes à região do Vale do Itajaí. Tanto é que predominava uma prática comum da parte de vários imigrantes recém-chegados que realizavam novos deslocamentos, de cidade para cidade, em busca de meios de sobrevivência no país (Vargas, 2016). Ainda assim, novamente no espírito positivado, H. Blumenau considerava este um problema menor, declarando que aquilo “que se perdia com a ampliação da Colônia era compensado pelo seu desenvolvimento interno”, a partir da melhoria das estradas e da “construção de pontes e demais trabalhos” (Blumenau, 2002, p. 23-24). Eis um indicativo de que esses relatos estavam permeados de um modo de percepção longe de ser desinteressado, comunicando o mundo a partir de sua própria intencionalidade.

Não por acaso o diretor da Colônia denotava constante preocupação com a chamada boa reputação da Colônia Blumenau na Alemanha, visando a introdução de colonos (Nicoceli, 2014) e a consequente prosperidade do núcleo colonial. Fazia uma defesa ferrenha de que a opinião sobre a Colônia deveria ser favorável, “pois os imigrantes não foram iludidos em relação às suas expectativas” (Blumenau, 2002, p. 27), elaborando uma descrição que ele considerava “precisa” e equivalente à realidade. Ora, nem todos os emigrados leram ou tiveram acesso a seus relatos; no entanto, os deslocamentos de curta ou longa distância têm sido apontados nos estudos que envolvem a microanálise também a partir da trajetória de sujeitos e famílias como portadores de racionalidades, capazes de articular sua transferência da Europa Mediterrânica para os países da América por intermédio de estratégias específicas e como atores sociais ativos (Vendrame *et al.*, 2016).

O contraponto às versões positivadas de H. Blumenau pode ser indicado a partir dos relatos de alguns imigrantes sobre a Colônia Blumenau, a exemplo do texto publicado no Calendário “Der Volksbote”, em 1903, com memórias do assim proclamado “Velho Colono”, com destaque para sua descrição da chegada, no ano de 1856, marcada por uma surpresa: “É verdade que o lugar existia, mas onde estaria a cidade?”. Ao contrário da publicação do diretor da Colônia, o imigrante afirmava que as estradas apresentavam estado primitivo e atribuía às pontes uma condição provisória (Velho..., 1903).

De forma semelhante, Karl Kleine, também imigrado em 1856, revelava, em suas memórias, a decepção dos imigrantes com a Colônia: “A nossa chegada foi muito triste”, afirmando que não esperava “encontrar uma cidade grande, mas, pelo menos, uma cidadezinha ou aldeia” (Kleine, 2011, p. 83). As divergências entre as narrativas atestavam contra a suposta infalibilidade de Hermann Blumenau como administrador da Colônia, apresentando

uma personagem complexa, repleta de multiplicidades que guardavam intenções específicas, voltadas à concretização de seus objetivos. Esses relatos demonstravam que, em especial nos seus primeiros anos, a Colônia conviveu com uma entrada inconstante de imigrantes, restando seu crescimento populacional, “além de uma economia colonial repleta de dificuldades e falta de recursos” (Deschamps, 2015, p. 73).

A crítica mais contundente foi realizada por Bernard Scheidemantel (1876), um imigrante saxão que fez uma litogravura e uma sátira ao diretor da Colônia, Hermann Blumenau. Na imagem podemos ver o próprio H. Blumenau, sentado em um trono real, coroado ao topo e com os braços estendidos sobre sua obra. Logo abaixo, ornamentado por dois anjos, vê-se um espelho que reflete, em um primeiro plano, o *Stadtplatz* – centro da colônia –, com seus poucos casarios, e, em segundo plano, o desenho contempla um panorama da mata densa, cortada pelo caudaloso Rio Itajaí-Açu. O cenário desenhado remete ainda à representação do processo de colonização perpendicular ao rio, iniciado no interior do Vale do Itajaí, em meados do século XIX, demarcando o descontentamento

de Scheidemantel com o desenvolvimento da Colônia, associado às proibições do diretor em relação à implantação da imprensa na localidade (Silva, 1988), combinado com seu perfil centralizador na condução do processo imigratório na região.

Reconhecer a existência de resultados exitosos ou falhos na trajetória de Hermann Blumenau como emigrante contribui para problematizar a versão idealizada e pautada em trajetórias triunfais, além de rejeitar a máxima de que imigrantes pertencem a uma categoria privilegiada (Lesser, 2014), entendendo-os como sujeitos capazes de atuar, individual e coletivamente, no universo dos deslocamentos humanos do século XIX. A despeito da tensão entre os desejos e as possibilidades da transição para o Brasil, não há como conceber a identidade humana pelo princípio da unicidade, e tampouco entendê-la pela via da “constituição de modelos de racionalidade que estabeleçam personalidades estáveis ou coerentes aos seres humanos” (Levi, 1996, p. 167).

Da desmistificação: à guisa de conclusão?

Hermann Blumenau demonstrou seu interesse particular nas discussões sobre a implantação de núcleos coloniais e defendeu o Brasil, especialmente na região sul, como destino para imigrantes alemães em busca da concretização de um projeto de colonização. Sua argumentação não estava desvinculada de suas aspirações pessoais, enfatizando sua colônia particular, embelezando a realidade e omitindo certos acontecimentos. As raízes de um mito fundacional em torno do nome e da personagem de H. Blumenau ficaram perceptíveis em suas narrativas, que se referiam à Colônia Blumenau como “minha criança”, como uma metáfora da idealização de sua Colônia e da colonização no Sul do Brasil. Tais concepções foram ampliadas com os reforços da memória e o investimento estatal e privado na constante rememoração da figura de H. Blumenau na perspectiva heroica, elaborando uma visão pautada nas preocupações identitárias e no enaltecimento da herança germânica.

O cerne da figura moldada como fundador se originou nos próprios escritos de H. Blumenau e incrustou-se na memória em suas várias modalidades, imprimindo uma perspectiva reducionista, que desconsiderava a pluralidade de trajetórias passadas e presentes, acarretando a cristalização de um horizonte de expectativas limitado para o que poderia ser considerado valoroso ou positivo na região. O Vale do Itajaí, desde o início da colonização, era um espaço de convivência entre diferentes sujeitos e grupos sociais, o que implica a necessidade de uma virada



Figura 1: Litografia feita por Carl Bernand Scheidemantel (1876).

étnica nos estudos históricos, com o intuito de acolher e valorizar os múltiplos atores sociais que construíram a História de Blumenau.

Hermann Blumenau não objetivava propagar a colonização apenas a partir de sua propriedade, mas intencionava indicar o território brasileiro, especialmente o sul do Brasil, como um destino importante para o estabelecimento de europeus na América Latina. É impossível desvincular deste debate a crença de que os europeus poderiam suprir a função de “colonos ideais”, a partir de sua capacidade de trabalho e condição para o desenvolvimento. Este posicionamento evidenciava a necessidade de destituí-lo da condição de mito ou muito menos “fundador”, com o objetivo primeiro de reconhecer-lo como um homem de seu tempo, em vez de reforçar visões romanceadas que lhe atribuem a fama de visionário, fundador e pioneiro.

Tais idealizações criam uma memória coletiva a ser incorporada pelos indivíduos da sociedade local como verdade intrínseca e dotada de significação por si mesma, com excessiva valorização de triunfos heroicos, exemplares e idealizados. Esse quadro engessado da atuação de personagens no tempo reforça os discursos fundadores e engendra um passado inequívoco, determinado por uma espécie de destino histórico e, em vez de problematizar tensões inerentes aos sujeitos, contribui para glorificar heróis e enfatizar os princípios de exclusão da diversidade de sujeitos históricos. No afã de desmistificação, siga as pesquisas pautadas na interrogação sobre o tipo de racionalidade usada pelos atores da história, levando em consideração o modo como eles lidaram com suas escolhas e sua própria liberdade, sob a argumentação de que, mesmo no interior de sistemas normativos bem estruturados e repletos de incoerência, existe a possibilidade de interpretação de regras e negociação, fator que leva a uma limitação da racionalidade e permite trazer à tona os conflitos e incoerências da vida humana.

Referências

- ALVES, D. B. 2014. Tempos e contratempos: dificuldades e malogros vividos pelos emigrantes antes da chegada ao Brasil (século XIX). In: C. P. ELMIR; M. A. WITT (org.), *Imigração na América Latina: histórias de fracassos*. São Leopoldo, Oikos; Ed. Unisinos, p. 15-46.
- ANDRĂ, H. 1962. Alexander von Humboldt e as suas relações com o Brasil. *Revista de História*, 25(52):387-403.
- AUGUSTIN, G. 2009. *Literatura de viagem na época de Dom João VI*. Belo Horizonte, Ed. UFMG.
- CARDOSO, M. Z. 1991. *Gaspar, século XIX: as dificuldades para o seu povoamento inicial e a desmistificação de uma dependência*. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina.
- CAUS, F. R.; LEME, R. C. B. 2014. Alexander von Humboldt: um novo panorama da América e as contribuições através da concepção de natureza. *Revista Perspectiva Geográfica*, 9(10): s.p.
- CERTEAU, M. 2000. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- CHALHOUB, S. 2012a. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo, Companhia das Letras.
- CHALHOUB, S. 2012b. População e sociedade. In: J. M. CARVALHO (org.), *História do Brasil Nação: vol. II: A construção nacional*. Rio de Janeiro, Objetiva, p. 37-81.
- CHARTIER, R. 1994. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília, Ed. UnB.
- CORREA, S. M. S. 2005. Narrativas sobre o Brasil alemão ou a Alemanha brasileira: etnicidade e alteridade por meio da literatura de viagem. *Anos 90*, 12 (21/22):227-269.
- DESCHAMPS, M. L. O. 2015. *Na trilha das estradas: a vida cotidiana e o trabalho na Colônia Blumenau (1850-1880)*. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina.
- ENDERS, A. 2014. *Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros*. Rio de Janeiro, Ed. FGV.
- FERREIRA, C. 1998. *Cidadania e Identidade na sociedade teuto-brasileira: José Deeke e os embates culturais interétnicos no Vale do Itajaí*. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina.
- FERREIRA, C.; KOEPEL, D. F. 2008. *Representações da cidade: discussões sobre a história de Timbó*. Blumenau, Edifurb; Timbó, Fundação Cultural.
- FERREIRA, C. 2021. Sobre memórias cristalizadas e o mito fundador na personificação da colônia alemã Blumenau (1856). In: Seminário Micro-História, Trajetórias e Imigração, nº 4, 2021. Apresentação em Simpósio Temático.
- FOUQUET, K. 1979. *Dr. Hermann Blumenau: Ein Bild seines Lebens. Anhang: Briefe 1846-50*. São Leopoldo, Federação dos Centros Culturais 25 de Julho.
- FOUQUET, K. 1950. Vida e obra do doutor Blumenau: ensaio biográfico. In: COMISSÃO DE FESTEJOS, *Centenário de Blumenau*. Blumenau, Comissão de Festejos, p. 42-115.
- GAY, P. 1995. *O cultivo do ódio*. São Paulo, Companhia das Letras.
- GINZBURG, C. 2002. *Relações de força*. São Paulo, Companhia das Letras.
- GUIMARĂES, M. L. S. 2000. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a Nação. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 7(2):389-411.
- HARTOG, F. 2017. *Crer em história*. Belo Horizonte, Autêntica.
- HARTOG, F. 2014. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte, Ed. UFMG.
- HERING, M. L. R. 1987. *Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau, Edifurb.
- KIEFER, S. 1999. Dr. Hermann Blumenau: vida e obra. In: H. B. O. BLUMENAU; C. FERREIRA; S. PETRY (ed.), *Um alemão nos trópicos: Dr. Blumenau e a política colonizadora no Sul do Brasil*. Blumenau, Instituto Blumenau 150 anos, p. 26-41.
- KORMANN, E. 1994. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Florianópolis, Paralelo 27.
- KURY, L.; SĂ, M. R. 1999. Os três reinos da natureza. In: C. MARTINS (org.), *O Brasil redescoberto*. Rio de Janeiro, Ministério da Cultura-Paço Imperial, p. 23-34.
- LESSER, J. 2001. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias*

- e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo, Ed. UNESP.
- LESSER, J. 2014. Tristes histórias de etnicidade e nação. In: C. P. EL-MIR; M. A. WITT (org.), *Imigração na América Latina: histórias de fracassos*. São Leopoldo, Oikos; Ed. Unisinos, p. 231-240.
- LEVI, G. 1996. Usos da biografia. In: J. AMADO; M. M. FERREIRA (org.), *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, p. 167-182.
- LEVI, G. 2015. Micro-história e história da imigração. In: M. I. VENDRAME et al. (org.), *Micro-história, trajetórias e imigração*. São Leopoldo, Oikos, p. 246-262.
- LEVI, G. 2020. Micro-história e história global. In: M. I. VENDRAME; A. KARSBURG (org.), *Micro-história: um método em transformação*. São Paulo, Letra e Voz, p. 19-34.
- LISBOA, K. M. 1997. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo, Hucitec; FAPESP.
- LISBOA, K. M. 2008. Olhares alemães sobre a imigração no Brasil: imperialismo, identidade nacional e germanismo. *Espaço Plural*, 9(19):95-104.
- LISBOA, K. M. 2020. Seguindo os passos não dados de Alexander von Humboldt e A. Bonpland no Brasil oitocentista. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, 27(3):763-779.
- LORIGA, S. 1998. A biografia como problema. In: J. REVEL (org.), *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, p. 225-249.
- MANGRICH, A. S. 1991. Presença química na implantação e desenvolvimento de um projeto de colonização durante o II Império: Da História de Blumenau-SC. *Química Nova*, 14 (1):68-70.
- NICOCELI, V. B. 2014. *Hermann Blumenau: uma experiência de colonização em Santa Catarina (1846 - 1884)*. Curitiba, PR. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná.
- NICOCELI, V. B.; FERREIRA, C. 2011. O regresso do colonizador: representações, usos da memória e mito fundador em Blumenau – 1974. *Blumenau em Cadernos*, t. LII, n.º 6, p. 22-49.
- OLIVEIRA, M. G. 2011. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro, Ed. FGV.
- ORLANDI, E. P. 1993. Vão surgindo sentidos. In: E. P. ORLANDI (org.), *Discurso fundador*. Campinas, Pontes, p. 11-26.
- PEREIRA, M. A. M.; IEGELSKI, F. 2002. O paraíso terrestre no Brasil: os Campos Gerais do Paraná no relato de Auguste de Saint-Hilaire. *Revista de História Regional*, 7:47-72.
- PORTELLI, A. 2006. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: M. M. FERREIRA; J. AMADO (org.), *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, p. 103-130.
- PRATT, M. L. 1999. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, EDUSC.
- PROST, A. 2014. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte, Autêntica.
- REVEL, J. 2010. *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba, Ed. UFPR.
- RODRÍGUES, A. M. D. 2015. A viagem de Humboldt à América do Sul e uma nova ideia de paisagem: o seu impacto em Eschwege. *Memórias*, 11(25):104-143.
- SALOMON, M. J.; VOIGT, A. 2000. Colonização alemã e escravidão no Vale do Itajaí. In: C. FERREIRA; M. FROTSCHER (org.), *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau, Nova Letra, p. 41-56.
- SARAT, M. 2011. “Literatura de viagem”: olhares sobre o Brasil nos registros de viajantes estrangeiros. *Patrimônio e Memória*, 7(2):33-54.
- SCHIAVINATTO, I. L. 2003. Imagens do Brasil: entre a natureza e a história. In: I. JANCSÓ (org.), *Brasil: formação do Estado e da Nação*. São Paulo, Hucitec; FAPESP, p. 603-631.
- SCHWARCZ, L. M. 1998. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SCOTT, R. J.; HÉBRARD, J. M. 2014. *Provas de liberdade: uma odisseia atlântica na era da emancipação*. Campinas, Ed. Unicamp.
- SERPA, É. C. 1995. *As elites locais e a reformulação das condutas e das sociabilidades em Lages durante a Primeira República*. Florianópolis, Ed. UFSC.
- SEYFERTH, G. 2007. O Vale do Itajaí e a política imigratória do Império. *Blumenau em Cadernos*, t. XLVIII, n.º 11/12, p. 57-82.
- SILVA, J. F. 1988. *História de Blumenau*. Blumenau, Fundação “Casa Dr. Blumenau”.
- SILVA, J. F. 1995. *O doutor Blumenau*. 2ª ed. Florianópolis, EDEME; Paralelo 27.
- SÜSSEKIND, F. 1990. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo, Companhia das Letras.
- TODOROV, T. 2017. *Diante do extremo*. São Paulo, Ed. Unesp.
- VARGAS, J. M. 2016. “Entre o local e o global”: imigração, relações sociais e perfil ocupacional dos estrangeiros na cidade de Pelotas (1850-1890). In: M. I. VENDRAME et al. (org.), *Ensaio de micro-história: trajetória e imigração*. São Leopoldo, Oikos; Ed. Unisinos, p. 338-362.
- VENDRAME, M. I. et al. (org.) 2016. *Ensaio de micro-história: trajetória e imigração*. São Leopoldo, Oikos; Ed. Unisinos.
- VOIGT (org.), A. F. 2004. *Cartas reveladas: a troca de correspondências entre Hermann Blumenau e Johann Jacob Sturz*. Blumenau, Cultura em Movimento.
- ZARTH, P. A. 2013. Interpretações da imigração e colonização no sul do Brasil: para uma crítica ambiental. In: E. E. G. MARTÍNEZ et al. (org.), *História da imigração: possibilidades e escrita*. São Leopoldo, Oikos; Ed. Unisinos, p. 150-177.
- ZIMMERMANN, T. R. 2001. *Johann Jacob Sturz e a nova Alemanha nos trópicos*. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina.

Fontes históricas

- BLUMENAU, H. B. O. 2002. *A colônia alemã Blumenau: na província de Santa Catarina no sul do Brasil*. Blumenau, Cultura em Movimento.
- BLUMENAU, H. B. O. 2004. Os extratos das cartas do Dr. Blumenau. Carta a Sturz, Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1847. In: A. F. VOIGT (org.), *Cartas reveladas: a troca de correspondências entre Hermann Blumenau e Johann Jacob Sturz*. Blumenau, Cultura em Movimento, p. 23-70.
- BLUMENAU, H. B. O. 1856. *Die Deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Sta. Catharina in Sud-Brasilien*. Rudolstadt, G. Froebel.
- BLUMENAU, H. B. O. 1858. *Die Deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Sta. Catharina in Sud-Brasilien*. Rudolstadt, G. Froebel.
- BLUMENAU, H. B. O. 1999a. *Leitende Anweisungen für Auswanderer nach der Provinz Sta. Catharina in Südbrasilien*. In: H. B. O. BLUMENAU; C. FERREIRA; S. PETRY (org.), *Um alemão nos trópicos: Dr. Blumenau e a política colonizadora no Sul do Brasil*. Blumenau, Instituto Blumenau 150 anos, p. 171-275.
- BLUMENAU, H. B. O. 1848. *Requerimento e projeto para a Assembleia da Província de Santa Catarina*. AHJFS, Fundo Blumenau – Colônia

- Particular (1846-1860). Pasta 02. Doc. 06.
- BLUMENAU, H. B. O. 1999b. Südbrasilien in seinen Beziehungen zu deutscher Auswanderung und Kolonisation / Sul do Brasil em suas referências à emigração e colonização alemã: fragmentos de notícias, observações e sugestões especialmente para emigrantes. In: H. B. O. BLUMENAU; C. FERREIRA; S. PETRY (org.), *Um alemão nos trópicos: Dr. Blumenau e a política colonizadora no Sul do Brasil*. Blumenau, Instituto Blumenau 150 anos, p. 45-163.
- DESFILÉ em Blumenau comemora o aniversário da cidade e os 200 anos do fundador. 2019. *Jornal de Santa Catarina*. Blumenau, 02 set.
- KLEINE, K. 2011. *Vivências e narrativas de um blumenauense*. Blumenau, Cultura em Movimento.
- OBERACKER JÚNIOR, C. H. 2004. A colonização baseada no regime da pequena propriedade agrícola. In: F. IGLESIAS *et al.*, *O Brasil monárquico: reações e transações*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, p. 260-288.
- SCHEIDEMANTEL, C. B. 1876. *Blumenau*. (Lithogravura). Acervo, AHJFS.
- VELHO colono blumenauense. 1903. *Der Volksbote*. Joinville.
- Submetido em: 30/07/2021
Aceito em: 22/08/2021